

Filosofia e Educação Cristã

Avenida que conduz ao desespero ou à compreensão?

Embora a educação cristã deva estar

fundamentada e arraigada em um

compromisso cristocêntrico, não deve

deixar de reconhecer que funciona

em um mundo cujo comprometimento

filosófico e atividade acadêmica

podem estar em desacordo com a

perspectiva cristã.

John M. Fowler

“Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia.” Colossenses 2:8, ARA.¹ O conselho de Paulo tem feito com que muitos cristãos, incluindo os adventistas do sétimo dia, abriguem um temor anormal de filosofia. Quando um teólogo do segundo século perguntou, “Que tem Atenas a ver com Jerusalém?”,² ou quando a pioneira adventista Ellen White advertiu contra vaguear “nos labirintos da filosofia”,³ eles podem ter desejado transmitir um alerta contra os movimentos emergentes na história da igreja. O próprio Paulo faz alusão a um motivo importante para sua preocupação. Em seus dias, os gregos apologistas e partidários da filosofia representavam verdadeira ameaça ao desenvolvimento do cristianismo. O apóstolo teve de emitir uma advertência espiritual

e teológica à igreja em Colossos: Cristo não é negociável, “porquanto, nEle, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade. Também, nEle, estais aperfeiçoados. Ele é o cabeça de todo principado e potestade.” Colossenses 2:9 e 10.

Embora a educação cristã deva estar fundamentada e arraigada em um compromisso cristocêntrico, não deve deixar de reconhecer que funciona em um mundo cujo comprometimento filosófico e atividade acadêmica podem estar em desacordo com a perspectiva cristã. Diante de tal desacordo, a escola cristã não se pode dar ao luxo de esconder-se como avestruz; na verdade, tem uma obrigação para com seus alunos e constituintes, na busca do resultado mais positivo possível no processo de aprendizado a fim de preparar os alunos para enfrentarem tanto as questões



Um dos mitos tradicionais que alguns cristãos desenvolveram quanto à filosofia é que fé e razão são incompatíveis.

do conhecimento, devem esforçar-se por atingir o mais elevado lance da escada. Avancem os alunos o mais rápido e vão o mais longe que lhes seja possível; seja o seu campo de estudo tão vasto quanto possam alcançar suas faculdades.”⁷⁴ Esta elevada meta, no entanto, vem com uma advertência: “Façam, porém, de Deus a sua sabedoria, apeguem-se Àquele que é infinito em conhecimento que pode revelar segredos ocultos por séculos e solver, para a mente dos que nEle crêem, os mais intrincados problemas.”⁷⁵

Portanto, há uma ligação entre razão e fé – ambas são dádivas de Deus, e devem ser exercidas na educação cristã. As Escrituras ordenam que desenvolvamos nossa mente – naturalmente, crescer em conhecimento faz parte do processo de santificação. (II Pedro 1:5-7.) Sendo que a fé cristã requer a transformação da mente (Romanos 12:2), então ela não anula a mente nem a razão, mas as transforma de modo que a mente humana funcione com o auxílio da iluminação divina. Esta é uma tarefa que unicamente a fé pode alcançar e reter.

O segundo mito, que alguns cristãos acariciam, é que o crescimento intelectual solapa a fé cristã. Mas, na realidade, um cristão culto pode ser um indivíduo mais bem informado e um eficiente comunicador. Embora a maioria dos discípulos de Jesus fosse inculta (mostrando que Deus pode usar qualquer pessoa que desejar), homens como Moisés, Daniel e Paulo ilustram o poder das pessoas cultas que se submetem às reivindicações da fé. Ser santificado não significa ser ignorante. Mais uma vez, Ellen White afirma: “A ignorância não aumenta a humildade ou a espiritualidade de qualquer professo seguidor de Cristo. As verdades da Palavra divina podem ser mais bem apreciadas pelo cristão intelectual. Cristo pode ser mais bem glorificado por aqueles que O servem inteligentemente. O grande objetivo da educação é habilitar-nos a usar as faculdades que Deus nos deu, de tal

sutis como as óbvias que a filosofia suscita na vida e aprendizado diários.

Será possível cumprir essa obrigação? Eu acredito que sim, desde que (1) dispensemos alguns mitos tradicionais sobre filosofia, (2) compreendamos a natureza e função da filosofia, e (3) desenvolvamos uma visão de mundo cristã dentro da qual possamos prosseguir nesta jornada intelectual.

Livre-se dos mitos

Um dos mitos tradicionais que alguns cristãos desenvolveram quanto à filosofia é que fé e razão são incompatíveis. Mas tanto a fé como a razão são dádivas de Deus ao ser humano e qualquer incompatibilidade percebida entre elas não está fundamentada em revelação bíblica. O Criador convida: “Vinde, pois, e arrazoe-

mos” (Isaías 1:18) e o próprio Deus também descreve a fé nEle como essencial para nosso relacionamento com Ele. (Ver Hebreus 11:6 e Romanos 1:17.)

A fé cristã ressalta o fato de que quando Deus criou os seres humanos à Sua imagem (Gênesis 1:26), Ele partilhou com estes Sua criatividade, que logicamente implica uma capacidade racional. O raciocínio humano pode com frequência mostrar-se falho ou degenerado, mas isso não significa que não tem função na vida cristã. Certamente, mesmo a vida religiosa de um cristão deve ser vivida, explicada e partilhada com um mundo que usa ferramentas fabricadas por meio do raciocínio. Parte do propósito da educação cristã é desenvolver ao máximo a capacidade racional. Ellen White escreveu: “Todos quantos se empenham na aquisição



maneira que exponha melhor a religião da Bíblia e promova a glória de Deus.”⁶

Um terceiro mito é a percepção de que há uma distinção entre o que é sagrado e o que é secular, e que devemos viver essa distinção. Uma compreensão mais ampla da fé cristã dita que embora vivamos em meio ao que é secular, devemos servir de mediadores do sagrado ao povo secular, a fim de podermos melhor compreender, apreciar e captar a dinâmica e o senso de realização encontrados no sagrado. Deus é o Deus tanto do altar como do laboratório, e o cristão não deve ser apologetico quanto a um, nem enamorar-se do outro.

Não devemos separar o sagrado do secular a ponto de restringir a religião ao coração e ao sábado, e a educação à mente e ao restante da semana. O perigo oculto do secular é pensar e viver como se Deus não existisse. A fé ordena enfrentar esse perigo em seu próprio território e

Há uma ligação entre razão e fé – ambas são dádivas de Deus, e devem ser exercidas na educação cristã.

vencer seus ardis. Para fazer isso, a fé precisa manter em seu foco mais nítido a habilidade de raciocinar, doada por Deus. Vivemos no mundo, mas não somos parte dele. O mundo é tanto nossa moradia como nossa missão.

A íntima relação entre fé e razão é muito bem resumida por Ellen White: “Conhecimento é poder, mas só o é para o bem, quando unido à verdadeira piedade. Para servir aos mais nobres fins, ele deve ser vivificado pelo Espírito de Deus. Quanto mais íntima for nossa ligação com Deus, tanto mais plenamente poderemos compreender o valor da verdadeira ciência; pois os atributos de Deus, tais como se mostram nas obras que criou, serão mais bem apreciados por aquele que tem conhecimento do Criador de todas as coisas, o Autor de toda verdade.”⁷

Entenda o que a filosofia faz

Questionar é a ocupação da filosofia e também sua ferramenta. A filosofia aproveita toda oportunidade para esquadriñar, instigar, duvidar, analisar e buscar. O alvo de seu questionamento é buscar significado e coerência. Morris observa: “A função do filósofo é fazer perguntas que sejam relevantes ao tópico em estudo, que realmente exijam respostas, não meras reflexões, perguntas cujas respostas

realmente façam diferença no modo em que vivemos e trabalhamos.”⁸

Toda filosofia se preocupa com três perguntas básicas: O que é a realidade? O que é a verdade? O que é bom? A primeira se relaciona à ontologia e metafísica, o estudo da realidade e existência. O que constitui a realidade? A existência humana é real? A árvore que vemos faz parte da realidade? Ou a idéia característica da árvore ou do ser humano tem precedência sobre a compreensão da realidade? Como diz Schaeffer: “Nada que seja digno de ser chamado filosofia pode deixar de lado o fato de que as coisas existem e existem em sua presente forma e complexidade.”⁹

A segunda área de interesse na filosofia é a epistemologia. Como sabemos se uma coisa é verdadeira ou não? Aquilo que é verdade é sempre verdade? Quais são as condições e limitações do conhecimento? Como seres humanos somos responsáveis pela criação, certificação e verificação da verdade? A verdade é relativa ou absoluta?

A terceira área de preocupação da filosofia é a ética. O que é bom? O que define a conduta adequada? Existe uma norma para o comportamento? Esta é objetiva, subjetiva, relativa ou absoluta, universal ou particular? Qual é a origem desta norma – a tradição, costumes sociais, práticas atuais, a vontade do poder, situação, ou religião em vigor? Ela está valorizando um processo condicional?

A resposta da filosofia a estas perguntas depende da visão de mundo que a pessoa adota. Se você fosse um seguidor de Platão, por exemplo, sua visão de mundo seria de idealismo – a crença de que a realidade consiste do mundo de idéias. Usando esta suposição, um idealista seria capaz de definir o que constitui a realidade, a verdade e a ética. Mas se a sua visão de mundo for a de um materialista, evolucionista, ou existencialista, sua percepção da realidade e da verdade seria bem diferente.

Por isso, como deve um cristão relacionar-se com a filosofia? Em primeiro lugar, é sempre vantajoso para um cristão compreender as complexidades das várias filosofias, seus pontos de vista, sua metodologia, suas conclusões e seu desafio para a vida cristã intelectual e religiosa. Paulo descobriu que o Areópago não foi um empecilho, mas um motivador para a melhor compreensão e proclamação de sua fé. (Ver Atos 17:22-34; cf. I Coríntios 2:1-7.) Em segundo lugar, o cristão deve desenvolver uma visão global que lhe proverá um fundamento adequado sobre o

O segundo mito, que alguns cristãos

acariciam, é que o crescimento

intelectual solapa a fé cristã.

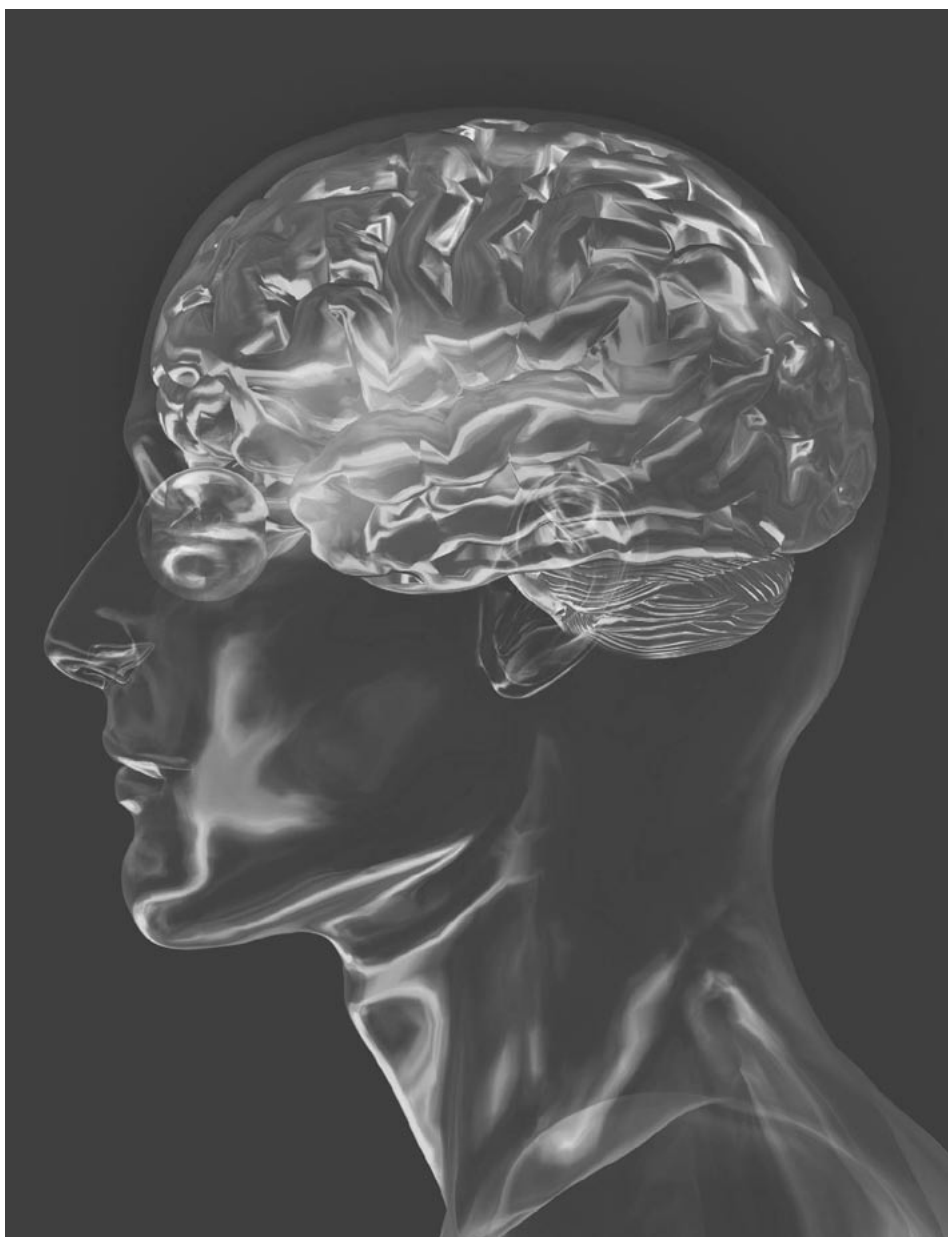
qual se firmar, com o qual estabelecer um diálogo significativo e assim testemunhar ao mundo secular.

Desenvolva uma visão cristã de mundo

Ao lidar com filosofia, os educadores cristãos devem evitar os perigos gêmeos: capitulação e indiferença. Por um lado, poderão ser tentados a ceder aos ataques filosóficos e sentir-se compelidos a reinterpretar ou rejeitar as reivindicações de sua fé religiosa. Por outro lado, poderão esquivar-se de fazer ou de responder perguntas críticas. Embora a capitulação possa destruir o compromisso religioso da pessoa, o pânico torna ineficaz o seu testemunho religioso. Em vez disso, o cristão tem a responsabilidade de lidar de modo eficaz com as perguntas que a filosofia sugere e prover respostas dignas de crédito da perspectiva de uma visão cristã de mundo. Schaeffer coloca isso de forma objetiva: “O cristianismo tem a oportunidade... de expor claramente o fato de que sua resposta contém exatamente o elemento que tem desanimado o homem moderno: a unidade de pensamento. Ele provê uma resposta unificada para a vida em sua totalidade. É bem verdade que o homem terá de renunciar seu racionalismo, mas então, baseado no que pode ser debatido, ele tem a possibilidade de recuperar sua racionalidade.”¹⁰

Enquanto os filósofos encontram sua unidade de pensamento em seu preferido ponto de partida – a mente, a matéria, a existência, o materialismo, a linguagem, a classe, etc. – aonde vamos nós para desenvolver uma visão cristã de mundo? Sem pretender ser exclusivo nem exaustivo, permita-me sugerir três úteis afirmações básicas sobre a fé. Estas afirmações são integrais quanto à natureza, universais quanto ao âmbito, bíblicas quanto à origem, e não negociáveis quanto ao compromisso.

1. Deus é a realidade suprema. “No princípio Deus...” Gênesis 1:1, *NVI*. Nisso se encontra o fundamento da visão cristã de mundo. Porque Deus é, eu sou.



Sem Ele, nada existe. “NEle vivemos, nos movemos e existimos.” Atos 17:28, *NVI*. Para o cristão, Deus, como Pessoa, é o que constitui a realidade suprema. Ele é a causa e o projetista da Criação. Suas atividades têm estrutura, propósito, e ordem. Como afirma Schaeffer: “A força do sistema cristão – seu teste decisivo – é que todas as coisas se encaixam sob o ápice do Deus existente, pessoal e infinito, e este é o único sistema no mundo inteiro onde isso é verdade. Nenhum outro sistema tem um ápice sob o qual tudo se encaixa. ... Sem perder sua própria integridade, o cristão pode ver todas as coisas se encaixando no lugar abaixo do ápice cristão da existência do Deus pessoal e infinito.”¹¹

2. Sabemos porque Ele nos revelou.

Uma segunda dimensão da visão de mundo cristã é que o conhecimento humano está baseado na revelação de Deus através da natureza e das Escrituras Sagradas. Por esta razão, estudamos a natureza e seu curso na história e na experiência dentro do contexto da criação da natureza por Deus e de Sua ação na mesma. A mente crédula discerne as obras de Deus na beleza e mistério da natureza, sondando este e louvando aquela. O cristão também aceita a Bíblia como o alicerce epistemológico de sua visão de mundo. Isso significa que “nenhuma interpretação de significado máximo pode ser feita sem revelação bíblica. Faltando a perspectiva que ela nos dá, as coisas do mundo são simplesmente objetos separados, os eventos do mundo



são meras coincidências não inter-relacionadas, e a vida é unicamente uma frustrante tentativa de obter o máximo significado em trivialidades insignificantes.”¹²

Aceitar a Palavra de Deus como uma fonte epistemológica não significa que consideramos a Bíblia como uma espécie de enciclopédia divina. Significa, no entanto, que cremos que ela aborda as importantes questões da vida: Quem sou eu? De onde venho? Para onde vou? Qual é o significado da história? Qual é minha função na sociedade? A Bíblia tem alguma coisa a dizer sobre estas e outras questões decisivas da existência e do destino, e por isso a visão cristã de mundo – e a educação cristã – devem levar em consideração o que ela diz, mesmo ao se

Não devemos separar o sagrado do secular a ponto de restringir a religião ao coração e ao sábado, e a educação à mente e ao restante da semana.

depararem com a posição de outros sistemas.

3. Deus se relaciona com os seres humanos.

A visão cristã de mundo aceita uma antropologia que reconhece uma íntima afinidade entre Deus e os seres humanos. A afinidade pode ser resumida em três declarações principais:

a. Deus criou o ser humano à Sua própria imagem (Gênesis 1:26 e 27), e assim sendo, ele não é resultado de algum acidente cósmico ou ápice de algum paradigma evolucionário, limitado e controlado por um complexo sistema de leis mecânicas.

A afinidade com Deus faz com que os seres humanos ajam de maneira criativa, se relacionem de modo significativo e sejam responsáveis por seus atos.

b. Por causa dessa afinidade, o cristão considera o mal como resultado de um rompimento na relação entre Deus e o ser humano, o que a Bíblia chama de pecado. Pecado, ou afastamento de Deus, é a raiz de percepções, relacionamentos e valores distorcidos. Isso, conforme a visão cristã de mundo, explica a situação caótica, confusa e sem esperança que desvirtua a vida, transformando-a em um dilema existencial.

c. Por causa da afinidade entre Deus e o ser humano, a divindade não deixou a humanidade sem esperança. A visão cristã de mundo é tanto redentora como cirúrgica. É redentora porque Deus salvou a humanidade do pecado e a reconciliou consigo através da cruz de Cristo. (II Coríntios 5:19.) É cirúrgica pelo fato de que aguarda um tempo do fim quando o pecado e seus resultados serão totalmente eliminados, preparando o caminho para a criação de “novos céus e nova terra”. Isaías 65:17. Ambos os aspectos de restauração estão baseados na vida e morte de Cristo. Deste modo, conhecê-Lo

e relacionar-se com Ele se torna fundamental tanto para a vida cristã como para o aprendizado cristão. Sem Ele, não pode haver visão cristã de mundo.

Conclusão

Com essas afirmações básicas, atuando dentro de uma visão religiosa assertiva de mundo, a educação cristã pode funcionar sem comprometer a fé religiosa ou sacrificar a integridade intelectual. Nosso ensino se tornará, então, integral, centrado em Deus, redentor, e voltado ao serviço. Ele se transformará em uma busca jubilosa, na qual a fé e a razão se abraçarão, à medida que o coração adorador e a mente inquiridora estejam integrados e em paz um com o outro.

Assim sendo, a filosofia não precisa ser a avenida rumo ao desespero, mas a rodovia que conduz à melhor compreensão.

John M. Fowler é Diretor Associado do Departamento de Educação da Associação Geral da IASD, em Silver Spring, Maryland, EUA.



REFERÊNCIAS

1. Todas as referências bíblicas são da Bíblia na Versão Revista e Atualizada no Brasil, 2ª edição, exceto quando identificadas de modo diferente.
2. Tertullian, de *praescriptione haereticorum*, cap. 7.
3. Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993), pág. 432.
4. _____, *Conselhos a Professores, Pais e Estudantes* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000), pág. 394.
5. *Ibidem*, págs. 394 e 395.
6. _____, *Fundamentos da Educação Cristã* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996), pág. 45.
7. _____, *Conselhos a Professores, Pais e Estudantes*, pág. 38.
8. Van Cleve Morris, *Philosophy and the American School* (Boston: Houghton Mifflin, 1961), pág. 19.
9. Francis A. Schaeffer, *He Is There and He Is Not Silent* (Wheaton, Ill.: Tyndale House Publishers, 1972), pág. 1.
10. _____, *Escape From Reason* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1973), pág. 82.
11. _____, *He Is There and He Is Not Silent*, pág. 81.
12. Richard H. Buber, *The Human Quest: A New Look at Science and the Christian Faith* (Waco, Texas: World Books, 1976), pág. 52.